

CEIS20
ESCOLA DE VERÃO

PATRIMÓNIO CULTURAL

**DOS LEGADOS
CULTURAIS AOS
ENCONTROS
INTERCULTURAIS**

LIVRO DE RESUMOS

Centro de Estudos Interdisciplinares
Universidade de Coimbra

Organização



INSTITUTO DE
INVESTIGAÇÃO
INTERDISCIPLINAR
UNIVERSIDADE DE
COIMBRA

2



CEIS 20
CENTRO DE ESTUDOS
INTERDISCIPLINARES
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FCT Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia
UIDB/00460/2020

Apoio



MUNICÍPIO
IDANHA-A-NOVA

**O idílio do rural e as idiossincrasias dos territórios.
Das expetativas à realidade nas migrações “lifestyle”**

Fátima Velez de Castro

Nesta comunicação, pretende-se discutir a dimensão da imagem territorial das migrações “lifestyle” e de como essa perceção influencia a constituição do projeto migratório, assim como o processo de desterritorialização-reterritorialização dos indivíduos. Numa lógica de atração (ruralofilia) - repulsão (urbanofobia), entende-se que a construção da(s) nova(s) territorialidade(s) se baseia em aspetos idiossincráticos do ambiente e da sociedade local, tendo em conta que a expetativa e a realidade se constituem como desafios inerentes ao fenómeno migratório.

Parte-se de um estudo realizado no Alto-Alentejo, na região de fronteira do Parque Natural da Serra de S.Mamede (concelhos de Castelo de Vide, Marvão, Portalegre e Arronches), para se entender o que levou à escolha deste território para fixação da residência, assim como a relação que estes migrantes estabeleceram com o território. Novos espaços para velhas sementes: itinerários das variedades de trigo em Portugal (sécs. XVI a XX)

**Patrimónios, *storytelling* e turismo:
perspetivas desde a Geografia Política**

João Luís Fernandes

O património não é um conceito absoluto nem se reduz a uma linguagem monolítica e universal. Pelo contrário, os valores patrimoniais fazem parte do universo contestado das perceções e das representações. No contexto dos conflitos e das disputas territoriais, os patrimónios e as palavras que os representam acabam por ter um efeito ativo na declaração de soberanias, nas relações de poder e na produção de identidades de afirmação de grupos hegemónicos e não hegemónicos. É nesta perspetiva que se constroem *storytellings* políticos e ideológicos que veiculam mensagens que não são neutras. Esta triangulação entre patrimónios, palavras e turismo (na sua dimensão política) interfere nas estratégias diplomáticas de múltiplos atores, procurando, por um lado, afirmar versões unilaterais e simplificadores de realidades que são complexas e, por outro, trazer para a agenda mediática conflitos e controvérsias tendencialmente esquecidos, longe do espaço mediático e de uma cartografia geopolítica em constante mudança. Discutir-se-ão estes temas a partir de um percurso cruzado por espaços geográficos como os campos de refugiados sarauís (na Argélia), a Cisjordânia, a Irlanda do Norte, a Catalunha ou a Macedónia do Norte.

**Europa, Europas:
perspetivas de (des)construção**

Clara Serrano

Numa altura em que a União Europeia (UE) enfrenta diversos problemas e desafios, em que o seu futuro parece depender, essencialmente, da forma como será capaz de lidar com o agudizar das tensões políticas, económicas e sociais, não só no interior da União, mas, de igual a modo, a nível global, conseguindo mobilizar, ou não, a seu favor, as instituições, os países e os cidadãos, impõe-se uma reflexão aprofundada sobre as mais recentes investigações sobre as Ideias e Imagens da Europa. Assim, esta comunicação, “Europa, Europas: perspetivas de (des)construção”, pretende, partindo de uma panorâmica cronologicamente orientada, analisar as ideias e as imagens de Europa, desde a Antiguidade Clássica até à atualidade. Ou seja, fazer incidir a exposição e a reflexão sobre a multiplicidade das matrizes europeias, a diversidade das culturas, o movimento de ideias, os paradoxos, as dúvidas e as incertezas que, na evolução secular e na constante dialética entre unidade e fragmentação, em contextos diversificados, foram erigindo a ideia, a imagem e a consciência europeias.

Arquivos vernaculares para uma história subalterna da música popular

Leonor Losa

A banalização das micro-tecnologias de gravação sonora em fita magnética a partir do final dos anos 70, em particular no formato cassete, disseminou universalmente a produção de conteúdos musicais e instituiu novas formas de relação com a música gravada. As práticas e criatividades musicais que emergiram com o dealbar do fenómeno de circulação de fitas magnéticas não se encontram, no contexto português, devidamente trabalhadas. Este lapso parece coincidir com formas de marginalização social mais alargadas, correspondendo às hierarquias de gosto que colocam a música vernacular na cauda dos sistemas de valorização hegemónicos.

Nesta comunicação tentarei convocar uma reflexão sobre os impactos desta tecnologia na produção musical globalmente, as possíveis formas de historicizar a produção e circulação de música vernacular em Portugal nos anos 80 do século XX, e as dimensões que a noção de arquivo pode assumir neste processo.

Os estudos fílmicos na era digital

Paulo Cunha

Nas últimas décadas, a transição digital transformou de forma radical a indústria do cinema, desde a produção à exibição. Do mesmo modo, essa transição digital também transformou de forma significativa a forma como se estuda e investiga as imagens em movimento, promovendo uma desmaterialização e consequente democratização no acesso a fontes e referências bibliográficas. No entanto, a transição digital também trouxe alguns problemas que condicionam o alcance de alguns métodos e estratégias de investigação.

A partir da minha experiência no desenvolvimento de investigação na área das imagens em movimento e na coordenação de trabalhos de iniciação à investigação científica desenvolvida por estudantes de licenciatura e mestrado em Cinema, pretendo partilhar algumas reflexões sobre a evolução dos métodos de investigação na área dos estudos fílmicos e das imagens em movimento nas últimas duas décadas.

Um lugar além

Reencenações sonoras e perceções corporificadas da memória dos lugares

Frederico Dinis

O trabalho de memória tem sido objeto de investigação, procurando compreender como processamos a nossa experiência e como percebemos o seu papel na configuração das identidades individuais e coletivas. Conceitos de memória colectiva (Halbwachs, 1925), teatros da memória (Banu, 1987), lugares da memória (Nora, 1984-1994), memória incorporada (Taylor, 2003), pós-memória (Hirsh, 2008), memória ligada a lugares (Taylor, 2011) e reencenação da memória (Agnew et al., 2019) têm ajudado a descrever relações complexas entre passado e presente.

Esta comunicação visa explorar processos de reencenação sonora que confrontam a memória, o património e a arte com um "repertório em modo intermediário" (Bénichou, 2020). Assumindo que a memória é um ato performativo contínuo (Schneider, 2011), examina-se o papel da memória no contexto sonoro, discutindo: (i) o processo de recontextualização e a sua relação com o trabalho da memória, (ii) as novas formas intermédias de representação do património como recurso para a investigação-criação, (iii) a memória como base da elaboração de ressignificações.

Esta comunicação relaciona também estas possibilidades de ressignificação com o conceito de reencenação através de um caminho de reflexão e representação artística que resultou de um conjunto de projetos

desenvolvidos sob um regime de investigação através da prática artística (Dinis, 2021), desenvolvidos em vários locais em Portugal.

**Património cultural e ciência dos dados.
Novos horizontes da pesquisa empírica e computacional**

Paulo Pereira

Num ecossistema cada vez mais complexo graças às campanhas massivas de digitalização realizadas por instituições públicas e privadas e à proliferação de dados abertos, em larga escala e em contínua interação, é razoável pensar que se oferecem novas possibilidades de pesquisa em diversas áreas das Humanidades e Ciências Sociais. Pretende-se com esta comunicação desenvolver uma reflexão sobre: i) o alcance das noções de *big data*, *distant reading*, *cultural analytics* ou *data science* e sua relação com o campo das Humanidades; ii) os desafios e novas oportunidades resultantes de uma abordagem empírica e computacional de fenómenos literários e culturais a partir de coleções ou *corpora* alargados. Merecerão especial atenção as mudanças de escala em termos de observação e análise dos fenómenos (do micro ao macro; do sincrónico ao diacrónico) e a alteração dos regimes de interpretação mediante a incorporação de evidências empíricas e de elementos estatísticos. Esses métodos computacionais têm impacto significativo nas práticas académicas, alargando a escala do nosso olhar sobre os fenómenos culturais (e.g. sabemos ainda relativamente pouco sobre padrões acima da escala de algumas centenas de livros), mas isso tem suscitado algum debate em torno das instâncias de validação das conclusões a que agora se pode chegar, até porque a construção hermenêutica do sentido é uma operação complexa e que não se traduz necessariamente numa manifestação lexicalizada. Por outro lado, a escala de análise interfere não só a nível da quantidade de textos que são objeto de tratamento, mas também na formulação de novas questões, abrindo caminho a uma compreensão mais sistemática das convenções que regem as práticas literárias num determinado período histórico-cultural e do modo como obras consideradas canónicas se destacam face às restantes. É certo que a escassez de dados abertos em múltiplas áreas linguístico-culturais, nomeadamente na de língua portuguesa, continua a ser um entrave à expansão de métodos computacionais, mas isso não impede a reflexão sobre os novos contributos que uma abordagem comparativa e transnacional de fenómenos literários e culturais poderá trazer. Por último, para que se possa aferir melhor a relevância destas propostas teóricas, metodologias e práticas analíticas emergentes, dar-se-á atenção a dois projetos europeus recentes: COST Action *Distant Reading for European Literary History* e *Computational Literary Studies Infrastructure* (CLS INFRA).

**O direito de compreender:
linguagem clara para conhecermos o nosso património**

Maria Vlachou

O património cultural pertence a todos os cidadãos de um país e é também partilhado com quem o visita. Considera-se que o conhecimento acerca desse património ajuda-nos a compreender melhor a sua importância e a respeitá-lo. Permite-nos ainda entendermo-nos melhor, a nós próprios e ao mundo que nos rodeia. No entanto, os especialistas nestas matérias, quando comunicam com o público em geral (não especialista) têm bastante dificuldade em partilhar informação relevante e expressa numa linguagem clara. Muitas vezes, a exigência de ser claro na comunicação é entendida como "banalização" ou "infantilização" do discurso. Dito de outra forma, os especialistas esperam que todos os cidadãos (qualquer que seja a sua formação e conhecimentos prévios) dominem a sua linguagem técnica e tenham os mesmos interesses que eles. Não é realista pensar que isto possa acontecer na prática. Em vez de criar barreiras adicionais no acesso ao património, através da linguagem, é preciso reflectir melhor sobre a relevância dos conteúdos partilhados e usar uma linguagem clara para os transmitir. Uma tarefa difícil, mas não impossível.

Design + Multimédia + Património

Nuno Coelho

A presente comunicação tem, como tema central, a exploração do potencial das novas tecnologias digitais aplicadas ao estudo e divulgação do património – seja ele material ou imaterial; existente ou desaparecido –, analisando e demonstrando como as humanidades digitais e, mais especificamente, o design multimédia são áreas de atividade estratégicas no âmbito deste tema. Enquanto área de atividade académica na interseção entre as humanidades e a computação, as humanidades digitais fazem uso sistemático de recursos digitais nas ciências humanas. No caso específico do design multimédia, desenvolvem-se produtos para suportes dinâmicos (écrans) para os quais é sempre necessária uma componente de base tecnológica. Exemplos deste tipo de produtos poderão ser: websites; aplicações para dispositivos móveis; recriações 3D; projetos de realidade aumentada (AR), de realidade virtual (VR) e de realidade mista (MR); visualizações de informação e de dados; jogos; produção audiovisual; entre outros. No âmbito dos estudos do património, muitos destes formatos têm vindo a ser explorados com vista a contribuir para o estudo e divulgação do património. A partir da análise de uma seleção de casos práticos desenvolvidos, a presente comunicação pretende mostrar e analisar diferentes abordagens, metodologias e processos de desenvolvimento projetual, de forma a dar resposta às necessidades

específicas de cada bem cultural abordado. Os casos aqui analisados tiveram em vista, também, o desenvolvimento de capacidades de diálogo interdisciplinar no seio de equipas de projeto multifuncionais, de forma a alcançar abordagens inovadoras relacionadas com o património, centradas no desenvolvimento equilibrado de competências instrumentais, sistémicas e interpessoais.

**Território e cultura alimentar na Hispânia romana:
a construção de um património gastronómico comum**

Paula Barata Dias

A Hispânia, território no extremo ocidental do Mediterrâneo, era conhecida das civilizações complexas do Mediterrâneo oriental desde tempos milenares, particularmente pelas mais avançadas nas artes de navegação: Fenícios, Gregos e Cartagineses estabeleceram colónias nas costas do Levante e, aproveitando a embocadura dos rios, serviram de bases exploratórias para um território novo, complexo e, sobretudo, de imensas potencialidades do ponto de vista dos recursos naturais. Novas espécies animais e vegetais e recursos minerais foram desde cedo razões de visita e fixação de empórios nas costas ibéricas. Ainda que a presença romana na Hispânia tenha sido motivada por razões de estratégia militar (a 2ª Guerra Púnica, fins do séc. III a.C.), coube à civilização romana a estratégia de desenvolver uma ocupação administrativa e militar dos territórios hispânicos, e sobretudo a de integrar as Hispânicas na lista das províncias do seu vasto império em formação. A ocupação romana permanente, que durará formalmente até aos inícios do séc. V, ultrapassou o objetivo militar que animara a sua primeira aproximação. A que foi devida, pois, esta atração romana pela Hispânia? A resposta, universal para a compreensão da formação dos impérios, é relativamente simples: porque a Hispânia tinha características e recursos naturais que interessavam à civilização dominante. A romanização do território hispânico (fixação de colonos e militares, criação de cidades, construção de vias, portos, aculturação dos autóctones ao modo de vida romano) servia o propósito de aproveitar as especificidades de Hispânia, introduzir ou intensificar nela novas culturas que resultassem em benefício para a comunidade de consumidores que constituíam os habitantes do império romano.

Nesta nossa contribuição pretendemos explorar o que as fontes documentais identificam como característico da produção alimentar (agrícola, pastoril, marinha, florestal) da Hispânia. Simultaneamente, pretendemos assinalar como, em larga medida, estas características continuam presentes no património gastronómico ibérico e são por todos, europeus e não europeus, reconhecidos como “imagens de marca” de Portugal e Espanha, contribuindo para uma identidade alimentar percebida como autêntica, porque fundamentada no aproveitamento dos recursos naturais do território.

**Novos espaços para velhas sementes:
itinerários das variedades de trigo em Portugal (sécs. XVI a XX)**

Carlos Faisca

Até à década de 1980, o trigo foi um dos principais cereais cultivados em Portugal recebendo uma grande atenção por parte de agricultores, associações agrícolas e políticas públicas. É, portanto, sem espanto que a historiográfica económica e agrária se tenha igualmente dedicado ao estudo de variados aspetos em torno deste cereal. Contudo, a evolução biotecnológica continua fundamentalmente por investigar, não obstante diversos autores considerarem o melhoramento de plantas como o principal fator responsável pelo aumento da produtividade agrícola ao longo do século XX. Neste contexto, esta comunicação apresenta a evolução da geografia de variedades de trigo em Portugal desde o início da época moderna, os fatores que levaram às alterações identificadas, os métodos utilizados, as consequências económicas e, por fim, as possibilidades para o futuro perante as perspetivas decorrentes das alterações do clima.

**Produtos locais e espaços identitários:
processos multidimensionais na longa duração**

Leonardo Aboim Pires

O objetivo desta comunicação é refletir sobre a historicidade do processo de valorização dos produtos locais, de forma a compreender como é que este se inseriu numa progressiva lógica de patrimonialização dos consumos alimentares.

Este é um sistema comumente associado a transformações políticas recentes, derivadas da integração de Portugal no espaço comunitário europeu cujos melhores exemplos encontram-se presentes nos sistemas de certificação como a Indicação Geográfica Protegida e a Denominação de Origem Protegida. Também vocábulos como *terroir*, regional, típico e local são hoje apresentados como uma importante componente da realidade do espaço rural e das estratégias para o seu desenvolvimento.

Todavia antes disto já era visível, junto de certas elites, um certo interesse em conhecer melhor o território e as suas várias componentes socioculturais, incluindo o agroalimentar. As bases teóricas e os primeiros ensaios do que se pode considerar como um processo de reconhecimento das especificidades de alguns produtos encontra as suas raízes no século XIX, momento a partir do qual essa diferenciação regional se estabelece através de alguns livros, como os de culinária, e eventos (exposições e feiras), fazendo uso de algumas conceções com origens nos séculos XVI e XVIII. Estes serão alguns dos tópicos abordados nesta apresentação.

Perspetivar a educação patrimonial e entender o ser Humano

António Gomes Ferreira

Fala-se, hoje, de educação patrimonial mas, em geral, não é clara a consistência da sua invocação. Desde logo, não se tem consciência de quão inevitável é a relação da educação com o património e da relevância deste na forma de se pensar o presente. Todos têm o seu património, há património para todos e cada um tende a partilhar vários patrimónios. Património é testemunho do que seres humanos criaram, desenvolveram, construíram num determinado tempo e lugar da sua história e se considerou como algo específico da sua identidade. Reflete o que a sociedade é e, ao mesmo tempo, se converte em um lugar de crítica e de criação de conhecimento. A própria educação se constitui património que tem de ser devidamente equacionado. Importa não confundir promoção do património com educação patrimonial. Esta deve ser consistente, consciente e fundamentada. Esta deve contribuir para se entender o ser Humano.

Nomes, frases feitas património e memória coletiva

Carlota Simões

No Brasil há um ditado popular que se usa para sublinhar uma situação irreversível. Partiu-se o prato, e então? “Agora é tarde, Inês é morta!”, sugerindo ao interlocutor que o melhor é esquecer o incidente pois nada mais há a fazer. Em Portugal sabemos que, na verdade, não foi essa a atitude do Príncipe herdeiro perante o cadáver de Inês: na sequência do assassinato da sua amada, D. Pedro nunca mais parou:

revoltou-se contra o Rei, seu pai, enquanto este foi vivo, e assim que assumiu o trono, como Rei D. Pedro I, mandou prender e matar os assassinos, retirou o corpo de Inês da sepultura e fez dela Rainha de Portugal. Mas no Brasil a frase faz parte do léxico popular e quem a diz não sabe nem quem é a referida Inês nem a que propósito ela é referida.

Este é apenas um pequeno exemplo de como palavras e expressões se constroem e estabelecem na memória coletiva dos povos, atravessando fronteiras e cruzando mares.

Nesta comunicação vão ser apresentadas e discutidas várias expressões que, tal como esta, relacionam linguagem com história, memória coletiva e património cultural.

O património cultural enquanto leitura das sociedades humanas.

As implicações das representações

João Paulo Avelãs Nunes

Procurarei, nesta comunicação, em primeiro lugar, reflectir sobre questões de natureza epistemológica e teórica, metodológica e deontológica que se colocam àqueles que, a partir da historiografia — área de conhecimento científico, isto é, tão objectivante quanto possível em cada momento —, estudam e procuram intervir no âmbito do património cultural (tecnologia de base científica também derivada da historiografia e respectivas aplicações tecnológicas). Proporei, ainda, uma caracterização e periodização do modo como, na época contemporânea, as sociedades humanas lidaram com o património cultural.

Esboçarei, igualmente, uma análise dos correlacionamentos que têm sido estabelecidos entre mundividências globais, historiografia e património cultural, ou seja, entre concepções de sociedade, memórias históricas e representações sobre identidades histórico-culturais. Essa apreciação decorrerá quer de uma observação de cariz abstracto quer de uma reconstituição das implicações sociais globais de determinadas escolhas em termos de políticas de ciência, de políticas culturais e de políticas educativas.

Assumindo que, enquanto cidadão, no plano ideológico, defendo como mais operatórias (porque mais justas e eficazes) a democracia, o multilateralismo e a promoção de desenvolvimento integrado/sustentável, considero que as melhores opções são as que decorrem dos pressupostos do Paradigma Neo-Moderno, da História Nova, do Novo Património Cultural e da Didáctica da História Historiográfica.

**Som e património:
uma análise de práticas de divulgação, arquivo e recriação**

Sílvia Santos

Há um interesse crescente pelo som nos últimos anos. É, claramente, uma tendência multifacetada, visível no consumo de audiolivros, na revolução dos podcasts, nas preocupações com o conforto acústico nas cidades e mesmo com a preservação da memória e da identidade cultural. Mais especificamente, a relação entre o património, o conhecimento e o som tem-se, também, revelado cada vez mais prolífica e diversa. Nesta comunicação, sistematiza-se esta relação a partir de três campos de ação, frequentemente interligados: a divulgação do conhecimento e do património, a preservação de património imaterial, e a recriação de contextos

sonoros desaparecidos. A partir dos exemplos apresentados, é discutido o enorme potencial do som, tantas vezes secundarizado em função da imagem e da escrita, ao serviço do património.

**Música, Cultura e património:
os projetos CIMfonia e Orquestra Filarmónica Portuguesa**

Oswaldo Ferreira

Projeto Orquestra Filarmónica Portuguesa:

- (i) O trabalho de missão de uma orquestra que dá resposta aos jovens recém-formados nas escolas superiores de música e universidades portuguesas. A estratégia de construção de temporadas sinfónicas em todo o território nacional, com elevado nível artístico. As primeiras oportunidades a compositores e solistas emergentes no panorama nacional.
- (ii) Parcerias com grandes instituições europeias e solistas de referência internacional
- (iii) Estratégia para a criação de emprego e oportunidades nas regiões de baixa densidade populacional e com património artístico e património natural de enorme relevância para o país.

Projeto CIMfonia

- (i) Construção de um festival com uma interação muito forte com toda a região da CIMBSE.
- (ii) As artes performativas, a literatura, a arquitetura, o paisagismo, em comunhão com o território e populações.
- (iii) A arte como fator de promoção de desenvolvimento integrado/sustentável, rumo a uma melhor qualidade de vida.

Abordarei, igualmente, uma análise das relações entre as diferentes artes performativas, a literatura, a arquitetura, o paisagismo, em comunhão com o território e o seu património cultural. Este festival envolve os 15 municípios da Comunidade Inter Municipal das Beiras e Serra da Estrela.

**O projeto Orquestra Sem Fronteiras:
uma perspetiva da produção**

Gonçalo Tavares

Fundada em Idanha-a-Nova em Março de 2019, a Orquestra Sem Fronteiras nasce enquanto plataforma para treinar, atrair e reter o talento jovem no interior do país, ao mesmo tempo que privilegia a descentralização no acesso à cultura. A OSF conta desde 2019 com o estatuto de utilidade pública cultural e é vencedora do Prémio Carlos Magno para a Juventude 2022, uma iniciativa do Parlamento Europeu pela promoção dos valores de união na Europa. Nos seus três anos de actividade a OSF promoveu mais de 80 concertos, masterclasses, encontros pedagógicos e outras actividades formativas e de desenvolvimento de públicos por mais de 60 localidades entre o interior de Portugal, Espanha e Brasil, apoiando um universo de mais de 150 jovens músicos do interior, chegando a incontáveis pessoas.

Uma das iniciativas da OSF é o apoio a jovens agrupamentos de música de câmara, que através de concurso, desenvolvem uma residência de um ano, na qual beneficiam de concertos e masterclasses. Hoje irão ouvir o quinteto ALMA, com fortes ligações ao distrito de Castelo Branco, vencedor da residência em 2022, e que se tem apresentado de norte a sul do país.